

Os operários e a fábrica de Lumière

Publicamos nesta edição parte da pesquisa *Movimentos Sociais Urbanos e o Documentário em São Paulo — 1977-80*, realizada entre agosto de 1980 e setembro de 1981 pela Secretaria de Cultura do Município de São Paulo através da equipe de cinema do antigo IDART, atual Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo.

Participaram da pesquisa Inimá Ferreira Simões, Eliana de Oliveira Queiroz, Olga Futemma, Carlos Ornelles Berriel, Waltraud Weissmann e Francisco Martorano Magaldi Neto, sob a coordenação de Jean-Claude Bernardet.

A partir da visão de 23 documentários foram produzidos textos críticos, descrições de filmes e entrevistas com Renato Tapajós, João Batista de Andrade, Aloysio Raulino, Zetas Malzoni, Roberto Gervitz, Sérgio Segall, Adrian Cooper, Rogério Corrêa, Cláudio Kahns, Inês Castilho, Peter Overbeck, Arlindo Machado, Eliane Bandeira, Suzana Amaral, Wagner Carvalho, Walter Feldman, Sérgio Tufik, Diogo Gomes dos Santos e Expedito Soares Batista.

Os filmes analisados focalizam diferentes aspectos dos movimentos populares: a memória da organização e luta dos operários (*Libertários*, *O Sonho Não Acabou*, *Os Queixadas*), as condições de trabalho (*Acidentes de Trabalho*, *Trabalhadoras Metalúrgicas*, *Teatro Operário*), a saúde (*Um Dia na Vida do Dr. Fulano*, *Um Caso Comum*, *Desafio Permanente*, *O Pó Nosso de Cada Dia*), a habitação (*Loteamentos Clandestinos*, *Domingo em Construção*, *Fim de Semana*), a organização comunitária (*Minha Vida*, *Nossa Luta*) e o ressurgimento dos movimentos estudantil (*O Apito da Panela de Pressão*) e grevista (*Braços Cruzados*, *Máquinas Paradas*, *Greve!*, *Trabalhadores: Presente!*, *Greve de Março*, *ABC da Greve*





e *Linha de Montagem*). *A Origem da Riqueza* discute “quem cria as riquezas” e outros temas ligados à produção, trabalho e capital. *A Luta do Povo* traça um panorama das lutas populares entre 1978 e 1980, registrando, entre outros, o Movimento Contra a Carestia, o Movimento de Favela, o Movimento de Saúde, a luta dos posseiros do Vale do Ribeira e as greves do ABC.

Deste material selecionamos a descrição de *Braços Cruzados*, *Máquinas Paradas*, as transcrições de *Greve!* e *Greve de Março*, entrevistas com João Batista de Andrade, Roberto Gervitz, Sérgio Segall, Zetas Malzoni, Renato Tapajós, Aloysio Raulino, Rogério Corrêa e Adrian Cooper e algumas análises críticas.

Como apêndice à pesquisa foram incluídas uma observação de João Batista de Andrade, um depoimento de Renato Tapajós sobre o documentário *Nada Será Como Antes. Nada?* e breves análises de filmes realizados posteriormente relacionados com o tema.

A pesquisa abrange um período assinalado pela retomada e crescimento dos movimentos populares, em que se destacaram as greves desencadeadas no ABC paulista.

A primeira grande greve no País desde o final de 1968 começou na manhã do dia 12 de maio de 1978 quando cerca de 1.600 operários da Saab-Scania, em São Bernardo do Campo, marcaram seus cartões e cruzaram os braços.

Revelada a adulteração dos índices do custo de vida utilizados no cálculo da inflação para os reajustes anuais de salários, os trabalhadores passaram a reivindicar a reposição salarial. O movimento dos metalúrgicos da Scania logo seria ampliado pelos operários da Ford, Volkswagen, Mercedes-Benz e de 13 indústrias de Santo André. Após um mês de paralisações, 200 mil operários da Grande São Paulo receberam aumentos entre 5 e 15%.

Da região do ABCD (Santo André, São Bernardo, São Caetano e Diadema) — o maior centro industrial do País — as greves se estenderam à Capital, Osasco e Campinas e atingiram outras categorias: médicos, professores, bancários e motoristas. Na instauração do dissídio coletivo (31 de outubro), 300 mil metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos paralisaram o trabalho em 13 mil empresas.

Em 27 de agosto, 10 mil pessoas participaram de uma manifestação organizada pelo Movimento do Custo de Vida, na Praça da Sé, para entregar às autoridades federais um documento com mais de 1 milhão de assinaturas reivindicando congelamento de preços e aumento geral de salários.

Esta manifestação e as greves dos metalúrgicos foram focalizadas por Roberto Gervitz e Sérgio Segall em *Braços Cruzados*, *Máquinas Paradas*.

Os movimentos reivindicatórios por melhores salários e condições de trabalho aumentaram consideravelmente em 1979. Das greves por fábricas os operários passaram às paralisações por categoria. E dessa vez as greves foram realizadas fora das fábricas, com a utilização de piquetes. No dia 13 de março, cerca de 160 mil trabalhadores iniciaram a primeira grande greve metalúrgica do ABC. Exigiram 78% de aumento salarial; os patrões ofereceram 45%. Foram realizadas assembleias no estádio de Vila Euclides, em São Bernardo, com quase 100 mil operários. No dia 23, o Governo decretou a intervenção nos três sindicatos do ABC. Mas o movimento prosseguiu e, dois dias depois, Luís Inácio da Silva, o Lula, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, reassumiu o comando da greve e fez um acordo de cavalheiros com empresários e representantes do governo: os metalúrgicos retornariam ao trabalho e durante 45 dias seria tentado um acordo; caso este não fosse satisfatório, os trabalhadores reiniciariam a greve. No dia 27, Lula discursou para 60 mil metalúrgicos. Prometeu obter vantagens superiores aos 63% já conseguidos pela categoria no interior de São Paulo e convenceu a assembleia a suspender a greve. No último dia do prazo (13 de maio), chegou-se a um acordo que foi aceito pelos trabalhadores.

Esta greve ficou registrada nos documentários *Greve!*, de João Batista de Andrade, *Greve de Março*, de Renato Tapajós, e no inacabado *ABC da Greve*, de Leon Hirszman. A festa do 1º de Maio de 1979, realizada no estádio de Vila Euclides, foi documentada em *ABC, Brasil*, de Sérgio Pêo, José Carlos Asbeg e Luiz Arnaldo Campos, e em *Trabalhadores: Presente!*, de João Batista de Andrade, que também mostra a greve dos motoristas e cobradores de ônibus de São Paulo.

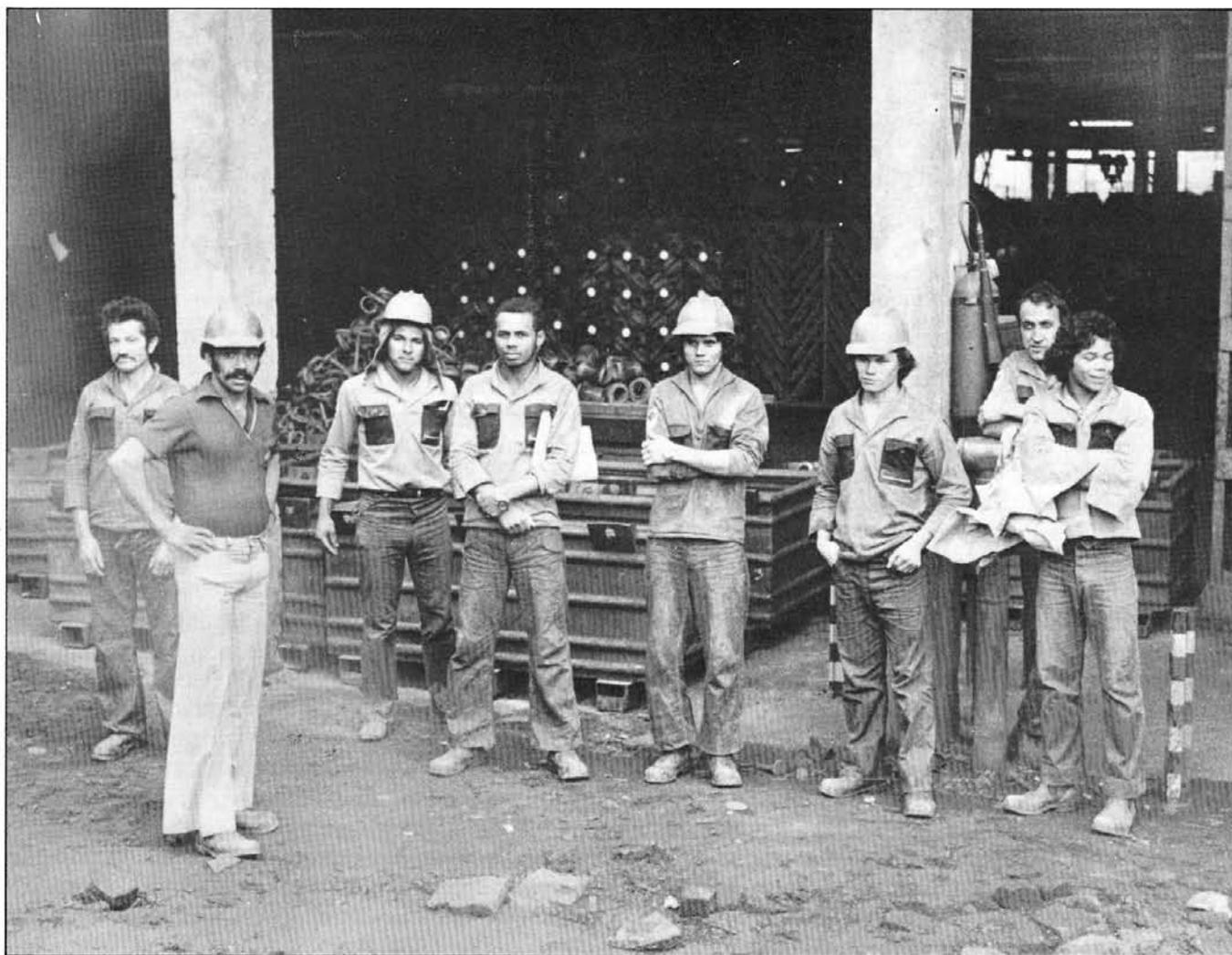
Entre março e setembro de 1979 diversas categorias

entraram em greve. No final de outubro, cerca de 150 mil metalúrgicos de São Paulo e Guarulhos paralisaram o trabalho reivindicando 83% de aumento salarial. Em um choque entre a Polícia Militar e um grupo de piquete, em frente à fábrica Sylvania, no bairro paulista de Santo Amaro, morreu o operário Santo Dias da Silva, que em *Santo e Jesus, Metalúrgicos*, de Cláudio Kahns e Antônio P. Ferraz, narra o assassinato do colega Nelson Pereira da Silva.

Em 1980 houve nova greve dos metalúrgicos do ABC

e de mais 15 cidades do interior paulista. Iniciada em 1º de abril, envolveu cerca de 300 mil trabalhadores e durou 41 dias. Dezesesseis dias depois foi decretada a intervenção nos sindicatos de São Bernardo e Santo André. Lula e outros dirigentes sindicais foram presos. Expressivo movimento de solidariedade apoiou a greve, que terminou no dia 11 de maio.

Além de documentar o movimento de 1979, *Linha de Montagem*, de Renato Tapajós, também registrou a paralisação dos metalúrgicos do ABC em 1980.



No final de maio de 1978 os operários da Villares cruzaram os braços e ampliaram a greve no ABC paulista.